

***“É um trabalho que eu acho que a gente vai guardar pra nossa vida inteira que é muito inesquecível”: um livro sobre Paulo Freire***

**Mara Regina de Almeida Griffo**

Pontifícia Universidade Católica – PUC-Rio

**Resumo:** Neste artigo, compartilho reflexões acerca da elaboração de um livro para comemorar o centenário de Paulo Freire com a participação de Luana e Luísa, alunas que cursavam o 5º ano do ensino fundamental em 2021. Tenho como objetivos específicos (i) buscar entender o processo de cocriação do livro à luz da Prática Exploratória (Miller et al., 2008) e (ii) observar as avaliações (Thompson; Hunston, 2000) e a construção das emoções (Le Breton, 2019) que emergem nos relatos de Luana e Luísa durante a conversa gravada. Alinhada ao paradigma qualitativo de pesquisa e atenta às questões éticas, obtive o consentimento dos responsáveis das alunas para conduzir o estudo. As análises da conversa exploratória (Miller, 2001) sugerem que pelas escolhas léxico-gramaticais, as alunas constroem emoções positivas ao avaliarem o processo de criação e produção do livro.

**Palavras-chave:** Paulo Freire. Prática Exploratória. Estudos da emoções. Avaliação.

**Abstract:** In this article, I reflect on the process of creating a book to honor Paulo Freire's centenary with the participation of Luana and Luísa, who were in the 5th grade in 2021. My specific goals are (i) to understand the co-creation process of the book using Exploratory Practice (Miller et al., 2008), and (ii) to observe the evaluations (Thompson; Hunston, 2000) and the construction of emotions (Le Breton, 2019) that emerge in Luana and Luísa's reports during the recorded conversation. Following the qualitative research paradigm and considering ethical issues, I obtained consent from the students' guardians to conduct the study. Analysis of the exploratory conversation (Miller, 2001) suggests that through their word choices, the students conveyed positive emotions when evaluating the process of creating and producing the book.

**Keywords:** Paulo Freire. Exploratory Practice. Emotions. Evaluation.

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O centenário do nascimento de Paulo Freire, em 2021, ocorreu em meio aos retrocessos sociais e políticos e aos desdobramentos da pandemia do Covid-19. Apesar das tentativas do governante da época e de seu entorno de deslegitimar a importância de Paulo Freire, muitos grupos se posicionaram enfaticamente a favor de homenagens com debates, círculos de conversas, apresentações e entrevistas, reunindo pessoas vinculadas às escolas, às universidades e aos movimentos sociais. Um exemplo é o texto extraído da página oficial do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra<sup>1</sup>:

Neste 19 de setembro de 2021, o pensador pernambucano Paulo Freire completaria 100 anos. Desde o início do ano, o MST e outros movimentos populares vêm ressaltando a importância do legado de Freire, patrono da educação brasileira, principalmente no que se refere às suas ideias e prática educativa: Paulo Freire desejava unir as pessoas, povos e instituições em torno de uma educação humanizadora, transformadora e emancipadora.

Nessa mesma linha de pensamento, Moacir Gadotti defendeu a importância de celebrar a data, pois, para ele, Freire deixou “marcas em muitas pessoas. Não apenas pelas suas ideias, mas, sobretudo, pelo seu compromisso ético-político. Entretanto, não deixou discípulos como seguidores de ideias. Deixou mais do que isso. Deixou um espírito” (Gadotti, 2021). Deixou um caminho embasado, respeitoso e amoroso para se entender as relações humanas e para se priorizar a educação de todos e todas.

Foi neste cenário que a coordenadora da escola onde trabalho sugeriu que as professoras do Programa Bilíngue<sup>2</sup> incluíssem Paulo Freire nos planos de aula, o que abracei com muito entusiasmo. A proposta partiu da coordenadora, contudo, as escolhas e as decisões sobre as tarefas foram realizadas conjuntamente com a turma. Assim, as atividades foram desenvolvidas em inglês em uma grupada com quatro estudantes cursando o 3º e duas alunas no 5º ano do Ensino Fundamental em uma escola da rede privada, localizada em um município no Estado do Rio. O foco aqui será o livro criado por Luana e Luísa, que estavam no 5º ano. Isso porque ainda são minhas alunas e tive facilidade em fazer contato com seus responsáveis para obter as autorizações para a gravação da conversa.

Neste estudo, tenho como objetivo refletir juntamente com Luana e Luísa acerca de questões relacionadas ao livro por elas construído sobre a biografia de Paulo Freire. Mais

<sup>1</sup> Texto da página: <https://mst.org.br/2021/09/19/5-livros-para-ler-e-entender-o-legado-de-paulo-freire/>

<sup>2</sup> Programa Bilíngue foi criado de forma colaborativa de acordo com as diretrizes pedagógicas e as características da escola e implementado em 2002 como uma atividade extracurricular que funciona no contra turno. A turma que elaborou o livro iniciava sua rotina escolar, diariamente, às 10h30 no Programa Bilíngue, que inclui o almoço. A aula regular da turma era no turno da tarde.

especificamente, busco (i) entender o processo de cocriação do livro à luz da Prática Exploratória e (ii) observar as avaliações e a construção das emoções que emergem nos relatos retirados da conversa gravada.

A partir desses objetivos, organizo o artigo em seis partes. Nas seções seguintes, apresento os procedimentos metodológicos e as etapas de construção do livro. Em seguida, discorro sobre os constructos teórico-analíticos e proponho a análise de trechos da conversa. Por último, exponho algumas reflexões e entendimentos momentâneos.

## 2. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Conforme mencionada na breve introdução, Luana e Luísa estavam matriculadas no Programa Bilíngue da escola em 2021. Para contextualizar, começo pela história da escola, que foi iniciada em 1969 com o trabalho conjunto de duas irmãs professoras, apoiadas pelos seus pais. A escola continua sendo uma empresa familiar e as duas irmãs se encontram ativas na direção. A escola está situada em uma área de mais de 5000 m<sup>2</sup>, possui por volta de 500 alunos da Creche à terceira série do Ensino Médio e conta com um total de 154 funcionários, sendo que 107 são professores. O que é chamado de Programa Bilíngue começou no segundo semestre de 2001, quando Ana<sup>3</sup> e eu, com filhos matriculados na escola e trabalhando em um curso de idiomas, fomos convidadas para planejar e traçar as diretrizes do que viria ser o Programa Bilíngue. Juntamente com uma das diretoras e a coordenadora geral, o projeto foi coconstruído especificamente para a escola, considerando o contexto do ambiente e das famílias. Não houve suporte de pessoas ou instituições de fora da escola. Assim, no ano de 2002, Ana e eu iniciamos com duas turmas - uma grupada de Educação Infantil e uma de Ensino Fundamental anos iniciais. Mesmo sendo uma atividade extracurricular, o Programa Bilíngue segue a proposta pedagógica, estando em consonância com a filosofia da escola. As aulas acontecem no contra-turno e têm duas horas e trinta minutos de duração com o almoço incluído como atividade, ou seja, o almoço é entendido como oportunidade de ensino-aprendizagem da língua.

O convite para que Luana e Luísa participassem desta pesquisa aconteceu na escola, ao final de uma aula. Falei sobre minha intenção de escrever um trabalho acerca do livro que elas haviam construído. Mostrando animação, aceitaram prontamente. Então, redigi o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que seus responsáveis pudessem ler e assinar,

---

<sup>3</sup> Nome fictício.

assim como o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para que elas assinassem. Adicionalmente, enviei uma mensagem para seus responsáveis colocando-me à disposição para maiores esclarecimentos sobre a gravação da conversa.

Foi explicado nos documentos que não há interesse no uso de imagens de vídeos e, portanto, a gravação foi feita com meu aparelho de celular em áudio. As fotos usadas foram cuidadosamente selecionadas para que as alunas não fossem identificadas. Atenta aos procedimentos éticos, omiti o nome da escola e usei nomes fictícios, escolhidos por mim, para fazer referência a outras pessoas ao longo do texto escrito. Os nomes Luana e Luísa foram escolhidos pelas alunas.

Considero relevante enfatizar que a interação gravada foi uma conversa exploratória (Miller, 2001), uma vez que priorizei a escuta das participantes, sem roteiros pré-determinados nem listas de perguntas. Durante uma conversa exploratória, buscamos gerar reflexões e entendimentos de forma afetuosa, respeitosa, colaborativa e fluida (Maciel, 2021; Côrtes, 2023). Para os/as integrantes do Grupo da Prática Exploratória do Rio de Janeiro<sup>4</sup>, as conversas exploratórias são “processos dinamizadores de reflexão e de novos entendimentos sobre as questões que perpassam a vida em sala de aula e em outros contextos” (Nunes, 2017, p. 50).

A gravação da conversa exploratória teve duração de 22 (vinte e dois) minutos e 15 (quinze) segundos e aconteceu no dia 22 de novembro de 2023 na sala de aula, depois do horário de saída. Durante a gravação, o livro ficou sobre a mesa para que elas folhearem, caso quisessem. Ao final, as duas alunas participantes usaram seus celulares para fotografar as páginas do livro que construíram.

Por ser subjetiva e interpretativa, esta investigação encontra-se inserida no paradigma da pesquisa qualitativa (Denzin; Lincoln, 2006), alinhada ao campo da Prática Exploratória (Miller et al., 2008) e da Pesquisa Participante (Brandão; Streck, 2006). Nesse viés metodológico, meu olhar de pesquisadora não é neutro, uma vez que sou parte do contexto pedagógico. Em relação à interpretação dos trechos selecionados da conversa gravada com Luana e Luísa, recorro à avaliação (Thompson; Hunston, 2000) e ao estudo das emoções (Le Breton, 2019) para embasar a análise.

---

<sup>4</sup> O Grupo da Prática Exploratória se encontra vinculado ao Departamento de Letras da PUC-Rio e ao Núcleo de Pesquisa em Prática Exploratória da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. O Grupo se reúne desde 1994 com a proposta de compartilhar experiências de vida em sala de aula, refletir sobre questões instigantes e genuínas, discutir publicações e textos referentes à Prática Exploratória, bem como construir textos coletivos.

### 3. A CRIAÇÃO DO LIVRO QUE CHAMAMOS *SCRAPBOOK*

Antes de discorrer sobre o processo de construção do livro, vale recordar que em 2020, devido à pandemia da Covid-19, a escola adotou a modalidade de ensino remoto inclusive no Programa Bilíngue, sendo Luana e Luísa alunas da minha turma. Quando iniciamos o ano letivo em fevereiro de 2021, retornamos de forma presencial mesmo não havendo vacina disponível para todos e todas no país<sup>5</sup>. Com isso, nossa rotina escolar foi cercada de cuidados e protocolos de higiene e de distanciamento, além do uso obrigatório de máscaras.

Empenhada em apresentar Paulo Freire para a turma, minha primeira questão orbitou em torno de o que abordar nas aulas para estimular a leitura, a escrita e a oralidade. Era uma dúvida genuína e, ao mesmo tempo, eu queria que a turma compartilhasse momentos alegres durante as aulas em meio a tantos sofrimentos e incertezas que nos rodeavam nas esferas pessoal, social e política. Surgiu a ideia de apresentar a biografia de Freire como se estivesse contando uma história para o grupo. Foi desse jeito que em um dia no início de setembro, enquanto brincavam embaixo de uma mangueira que fica no pátio perto da nossa sala de aula, eu falei que há bastante tempo em outra cidade do Brasil um menino chamado Paulo também aproveitava a sombra das mangueiras da casa dele. Falei isso pensando nas palavras de Freire que havia lido:

O primeiro mundo meu, na verdade, foi o quintal da casa onde nasci, com suas mangueiras, seus cajueiros de fronde quase ajoelhando-se no chão sombreado, com suas jaqueiras, com suas barrigudeiras. Árvores, cores, cheiros, frutas, que atraindo passarinhos vários a eles se davam como espaço para seus cantares (Freire, 2021, p. 40).

O convite feito, a turma quis conhecer Paulo Freire. Primeiro a infância, depois a juventude e a vida adulta. Fomos pesquisando e conversando até que surgiu a ideia de elaborar um *scrapbook* para dar mais cor e textura aos aprendizados. Para lembrar as etapas que envolveram a construção do livro, recorri ao meu caderno de aula no período entre setembro e dezembro de 2021. Minhas anotações se parecem com um diário de campo – “uma linha de registro” (Bezerra; Rios, 1995, p. 12), escritas da seguinte forma:

- apresentei alguns slides com fotos disponibilizadas na internet e conversamos sobre onde e quando Paulo Freire viveu;

<sup>5</sup> A propósito, a primeira pessoa a receber a vacina foi a enfermeira Mônica Calazans no dia 17 de janeiro de 2021. A vacinação da população iniciou-se pelos idosos, o que significa que estudantes e educadores/as retornaram às escolas da rede privada em fevereiro aguardando o calendário para serem vacinados.

- a turma entrevistou a coordenadora Claudia e a bibliotecária Marcia<sup>6</sup> na escola e continuou a atividade como dever de casa entrevistando familiares. As perguntas foram *Who was Paulo Freire?*, *What do you know about him?* , *Which of his books did you read?*;
- a turma decidiu construir 2 livros – um do 5º ano e outro do 3º ano;
- a construção de cada página começou com a escolha da cor do papel, das fotos impressas e dos materiais a serem usados;
- cada página foi construída separadamente sem uma sequência previamente escolhida;
- usamos o computador da sala de aula para realizar pesquisas;
- a bibliotecária Marcia conversou sobre os conceitos – boniteza (*beautiffulness*) e esperança (*hope*) – com uma apresentação de slides em nossa sala;
- as capas foram confeccionadas com retalhos de tecido que a mãe da Luana compartilhou;
- montamos os livros, decidindo a sequência das páginas;
- apresentamos os livros na Feira do Livro da escola;
- cada aluno/a levou o livro para casa para ler com suas famílias;
- a turma participou do 22º Encontro Anual da Prática Exploratória – Explorando dinâmicas híbridas: Horizontes para EsPERançar – que aconteceu no dia 10 de dezembro de 2021. Com a presença da coordenadora Claudia e da bibliotecária Marcia na sala de aula da escola, o grupo conversou sobre Paulo Freire por meio da plataforma Zoom com participantes do evento.

Ao reler esses apontamentos, recordei os momentos vivenciados naqueles meses: desafios, tristezas, dificuldades, perdas, sorrisos escondidos pelas máscaras, união, cooperação, descobertas, curiosidade. A construção do livro foi uma atividade pedagógica desenvolvida com o envolvimento e a participação de muitas pessoas dentro e fora da sala de aula. Dessa forma, cada criança da turma se envolveu na biografia de Paulo Freire a ponto de falar dele como se ele fosse um membro da família e se engajaram nas atividades compartilhando materiais – tecidos, adesivos, fitas, carimbos, purpurina – que traziam de casa para acrescentar aos materiais da escola.

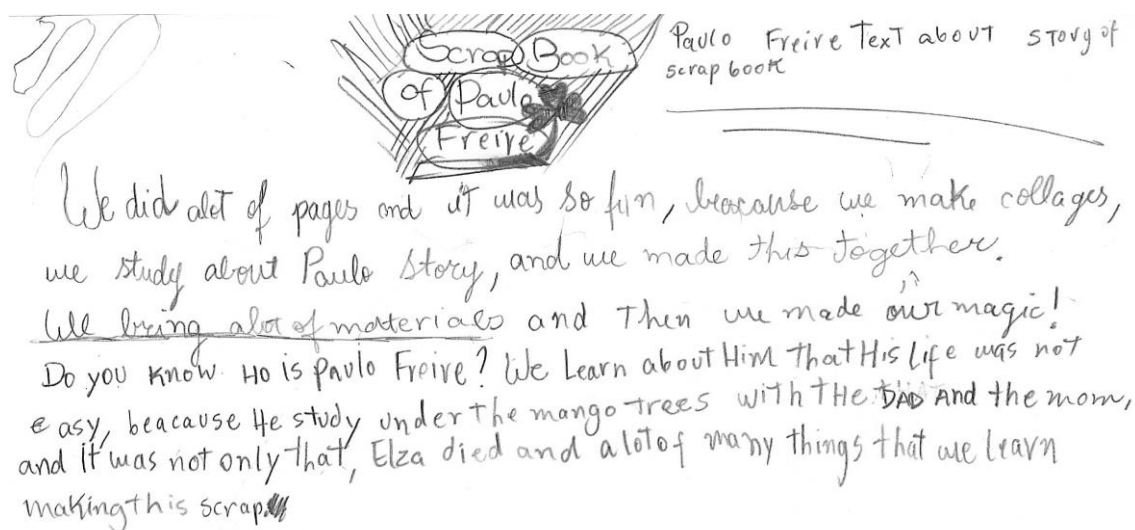
No ano seguinte, no primeiro dia de aula, Luana e Luísa se surpreenderam ao encontrar o *scrapbook* na sala de aula e fizeram questão de mostrar para a nova turma o que

---

<sup>6</sup> Nomes fictícios.



havam feito juntas. Com frequência, as duas alunas participantes fazem referências ao livro durante as aulas. Para mim, isso reforça a importância do livro que produziram conjuntamente. Um trabalho de pesquisas, de partilhas, de negociações e de entendimentos como é possível notar no texto elaborado por Luana e Luísa quando finalizaram o livro.



Destaco no texto *we made this together* (fizemos isso juntas), o que ilustra o envolvimento e o engajamento da Luana e da Luísa na construção coletiva e colaborativa do livro. Outro ponto importante diz respeito às experiências de aprendizagens registradas pelas alunas com a escolha do verbo aprender em *we learn about him that his life was not easy* (aprendemos sobre ele que sua vida não foi fácil) e *and a lot of many things that we learn making this scrap* (e muitas coisas que aprendemos fazendo esse livro). A agentividade e a autonomia de Luana e Luísa é materializada em *we bring a lot of materials and then we made our magic* (trouxemos muitos materiais e aí fizemos nossa mágica). Isso realça suas autorias na composição e produção do livro. Como atividade de sala de aula, entendo que a construção do livro envolveu: (i) ludicidade, registrada com a escolha lexical de *so fun* (tão divertido); (ii) criatividade, exemplificada em *we make collages* (fizemos colagens); (iii) cooperação, verbalizada em *we made this together* (fizemos isso juntas); e (iv) pesquisa, indicando a intencionalidade do propósito pedagógico em *we study about Paulo story* (estudamos sobre a história de Paulo).

Alinhada a Oscar Jara (2017, p. 13), sei que o “jeito exato com que essa experiência foi desenvolvida não poderá se repetir jamais em nenhum outro lugar” porque “[n]unca poderá haver uma experiência na qual todas as condições sejam exatamente iguais”. Mas, a possibilidade de partilhar os fazeres pedagógicos e de refletir sobre as práticas de sala de aula

provocou a vontade de conversar com Luana e Luísa sobre o livro. Essa troca diz respeito a um dos princípios da Prática Exploratória, que é a continuidade de um trabalho, o que será melhor abordado na próxima seção.

#### 4. A PRÁTICA EXPLORATÓRIA E A PESQUISA PARTICIPANTE

O professor e pesquisador da universidade de Lancaster na Inglaterra, Dick Allwright, esteve no Rio de Janeiro algumas vezes a convite de uma instituição de ensino de inglês. Isso aconteceu no início da década de 1990 quando suas investigações incluíam estudos de aquisição de segunda língua e pesquisa de sala de aula. Foi aqui no Rio de Janeiro, em contato com os/as professores/as durante reuniões e *workshops*, que Allwright começou a olhar para a pesquisa em sala de aula de uma outra maneira, reconhecendo a agentividade de todos – professores/as e alunos/as nos contextos pedagógicos. Nesse grupo de professoras estavam Inés Kayon de Miller e Maria Isabel Azevedo Cunha<sup>7</sup>.

A partir desses encontros, surge uma mudança de paradigma na maneira de conduzir pesquisas, valorizando a autonomia dos/as professores/as como pesquisadores/as de suas práticas em um trabalho conjunto com os/as estudantes. A ideia era que a pesquisa fizesse parte da rotina pedagógica; não fosse um momento à parte e nem fosse realizada por terceiros. Assim nasce a Prática Exploratória nas conversas entre Inés Miller, Maria Isabel Cunha (Bebel, como gosta de ser chamada), Dick Allwright e Ralph Bannel. Para eles, a Prática Exploratória abrange e inclui professores/as, alunos/as, bem como pessoas fora da sala de aula de ensino de línguas.

Ao longo dos anos, os princípios da Prática Exploratória (Miller et al., 2008; Allwright; Hanks, 2009; Miller; Cunha, 2017) vêm sendo (re)pensados, (re)visitados e (re)escritos. Os princípios compartilhados pelo Grupo focam no trabalho para entender as qualidades das vidas vivenciadas em sala de aula ou em outros ambientes de trabalho; no envolvimento de todos os participantes, visando à união entre eles e o seu desenvolvimento mútuo; e a integração de práticas da sala de aula ou de outros ambientes profissionais como forma de incentivar a continuidade e sustentabilidade do trabalho (Grupo da Prática Exploratória, 2020, 2021). Esses princípios ético-inclusivos (Miller, 2013) traduzem nossas vivências nos espaços que ocupamos. São, antes de tudo, “horizontes crítico-reflexivos, cuja prática coletiva deve levar em conta as especificidades de cada contexto pedagógico e

<sup>7</sup> Inés Kayon de Miller e Maria Isabel Azevedo Cunha (Bebel) são as mentoras do Grupo da Prática Exploratória, vinculado ao Departamento de Letras da PUC-Rio.



profissional” (Nicácio, 2020, p. 20). Além disso, organizam o que entendemos a respeito de nosso modo de ser e estar nos espaços que ocupamos. Portanto, os princípios da Prática Exploratória não são concebidos como uma lista de regras a serem seguidas; eles são vivenciados pelos/as praticantes.

Em relação à reflexão sobre o livro construído e produzido por Luana e Luísa, noto a presença de cada um dos princípios nas etapas da atividade pedagógica e ênfase que a atividade iniciada com a turma para comemorar o centenário de Paulo Freire ainda tem desdobramentos, ou melhor, não se esgotou. Nesse sentido, a elaboração deste estudo faz com que o trabalho seja contínuo e não apenas uma atividade dentro de um projeto no contexto escolar. Além dos princípios, destaco as cinco proposições registradas por Allwright e Hanks (2009, p. 5-7). As proposições valorizam a agentividade dos/as aprendizes – professores/as e alunos/as – como praticantes e pesquisadores/as de suas próprias práticas. Assim, “aprendizes são, ao mesmo tempo, indivíduos únicos e seres sociais, que são capazes de levar a aprendizagem a sério, de tomar decisões independentes e de se desenvolverem como praticantes do aprendizado” (Moura, 2018, p. 94). Se eu pudesse escolher apenas palavras para cada proposição, elas seriam: **inclusão da diversidade; cooperação; engajamento; autonomia; e envolvimento**. Tal como os princípios, as cinco proposições dialogam com as posturas que assumimos como praticantes exploratórios/as. Aliás, são vivenciados por quem integra o Grupo da Prática Exploratória.

Retomarei as proposições nas reflexões que surgiram ao longo da conversa com Luana e Luísa sobre a construção coletiva do livro. Por ora, vale frisar que a Prática Exploratória é uma maneira de agir, de ser, de estar e de sentir na sala de aula. Uma forma de pesquisar a vida na sala de aula, de ouvir, refletir, buscar entendimentos sobre as experiências e também um modo de ver o/a aluno/a como praticante que constrói conhecimentos nas interações e trocas, que compartilha das decisões e que faz escolhas dentro e fora da sala de aula. É um jeito de integrar e de incluir as pessoas permeado e mediado por afetos.

A Prática Exploratória encontra-se inscrita na pesquisa do praticante, que abrange diferentes formas de conduzir pesquisas. Esses diferentes modos de fazer pesquisa são entendidos por Hanks (2017, p. 29) como membros de uma família, “carregam um DNA parecido”, contudo, ao mesmo tempo, possuem uma identidade distinta e singular. Na pesquisa do praticante, modalidade do paradigma de pesquisa qualitativa, as investigações acontecem de forma ética, crítica e reflexiva e podem ser entendidas como subjetivas, interpretativas por serem “guiada[s] por um conjunto de crenças e sentimentos em relação ao

mundo e ao modo como esse mundo deveria ser compreendido e estudado” (Denzin; Lincoln, 2006, p. 34). Sendo assim, nas investigações, tanto a Prática Exploratória quanto a Pesquisa Participante, levam em conta a pluralidade dos saberes, a impossibilidade de neutralidade, o apagamento da linha que separa teoria e prática, o reconhecimento da contribuição e da participação de outras pessoas.

Para Costa (2018, p. 125-126), a Pesquisa Participante é “uma proposta de trabalho que considera que todos os envolvidos estarão mergulhados na construção de uma ação em que todos se apropriam dos aprendizados gerados por esse processo de pesquisa”. Desse modo, para o autor, um ponto importante é a participação e o envolvimento de todos/as. O outro ponto “é que os resultados da pesquisa possuem uma dinâmica processual e estão em constante avaliação, à medida em que vão se cumprindo as etapas de trabalho”. Dito de outra forma, o trabalho acontece em conjunto com outros membros da comunidade e todos participantes podem explicar, investigar, explorar, buscar entender e gerar conhecimentos acerca do contexto no qual estão inseridos.

A Pesquisa Participante “existiu no passado e existe hoje em dia dentro de diferentes *tradições*” (Brandão; Streck, 2006, p. 17 – *itálico do autor*). Surgiu na América Latina, nos anos 1960-1970, com experiências protagonizadas por Paulo Freire (1921-1997) e Orlando Fals Borda (1925-2008). Trata-se de um tipo de pesquisa que difere dos modelos tradicionais da época, nos quais a população era considerada passiva e cujo planejamento e condução ficavam a cargo de pesquisadores profissionais. O que propõe a Pesquisa Participante é a construção de conhecimentos e de ações científicas situadas em uma perspectiva da realidade local, sem perder de vista as interações sociais, amparada na ideia da não neutralidade para produzir conhecimento politicamente engajado. Com o reconhecimento de que a ciência não é neutra nem objetiva, a pesquisa parte da “contribuição de sua prática na procura coletiva de conhecimentos que tornem o ser humano não apenas mais instruído e mais sábio, mas igualmente mais justo, livre, crítico, criativo, participativo, co-responsável e solidário” (Brandão; Streck, 2006, p. 21).

É possível frisar o caráter político da pesquisa que parte de uma perspectiva da realidade social, na qual os sujeitos devem ser contextualizados historicamente. “A pesquisa participante deve ser praticada como ato político claro e assumido” (Brandão; Streck, 2006, p. 41). Além desse princípio fundador, os autores pontuam a relação sujeito-sujeito, uma vez que todas as pessoas são fonte de saberes e conhecimentos; a unidade entre teoria e prática; e a participação popular durante o processo de investigação, de educação e de ação. Outro

princípio é o compromisso ideológico dos/as investigadores/as com os setores populares e suas causas sociais, reconhecendo o caráter político e ideológico da atividade científica e pedagógica.

Sobre a dimensão política, Freire (1982, p. 15) afirma que, “[d]o ponto de vista crítico, é tão impossível negar a natureza política do processo educativo quanto negar o caráter educativo do ato político”. Ou seja, não é possível separar a educação da política. Isso vale para o campo da pesquisa que visa à construção de conhecimentos de forma colaborativa e conjunta. Assim como a Pesquisa Participante, a Prática Exploratória nos leva a pensar a prática pedagógica como espaço de/para reflexão conjunta, na qual aprendizes – professores/as e alunos/as – olham para suas questões como agentes de seus saberes e conhecimentos, buscando maiores entendimentos. Usar lentes próprias para examinar as questões que surgem no dia a dia de forma crítica e reflexiva é um ato político (Freire, 2019) e também uma “manifestação de agentividade” (Bebel – comunicação oral durante a aula no dia 21/11/23, na PUC-Rio).

Compartilhar, juntamente com Luana e Luísa, a construção do livro Paulo Freire, pode gerar conhecimentos futuros. A partir dessa experiência, a qual tentamos recuperar e reconstruir durante nossa conversa exploratória, valorizamos nossos saberes e memórias, avaliamos o objeto-livro e nossas atitudes no processo de elaboração e criação. Entendo que a

reflexão crítica a partir das nossas práticas educativas, sobre nossas práticas educativas e para nossas práticas educativas, torna-se uma tarefa indispensável, sem a qual podemos cair no conformismo e na passividade rotineira, com boas intenções, mas incapazes de impulsionar processos transformadores (Jara, 2017, p. 9).

Esta citação se harmoniza com o principal objetivo deste estudo, que é refletir juntamente com Luana e Luísa acerca de questões relacionadas ao livro por elas construído sobre a biografia de Paulo Freire. Na interação gravada, busquei criar um momento para as participantes pudessem compartilhar seus fazeres e saberes. Foi possível observar as relações de afeto que Luana e Luísa ainda estabelecem com o livro e a forma como avaliam seu trabalho de criação e elaboração do que elas chamam, carinhosamente, de “*scrap*”.

## 5. AVALIAÇÃO E EMOÇÕES

A avaliação é uma prática social construída na interação (Nóbrega, 2009). Ao avaliarmos, assumimos posicionamentos no mundo, baseados/as em nossos sistemas de valores em um contexto específico. A avaliação tem três funções: (i) expressar as opiniões,

proporcionado o entendimento do sistema de valores do falante/escritor e de sua comunidade; (ii) construir e manter relações entre falante/escritor e ouvinte/leitor; e (iii) organizar o discurso (Thompson; Hunston, 2000, p. 6).

Segundo Martin e White (2005, p. 1), a avaliação apresenta a maneira como os “escritores/falantes aprovam e desaprovam, se entusiasmam e abominam, aplaudem e criticam, e como eles posicionam seus leitores/ouvintes para fazer o mesmo”. Desse modo, a avaliação é um constructo interacional que permeia todo o discurso, realizando-se por escolhas léxico-gramaticais que podem ser explícitas ou implícitas, mais enfáticas ou menos enfáticas, formais ou informais. A linguagem “oferece mecanismos diversos para que atribuamos diferentes avaliações aos mais diferentes aspectos de nossas atitudes em nosso cotidiano” (Vian Jr., 2010, p. 19). É importante destacar que a avaliação permeia todos os níveis linguísticos: o fonológico (ênfase, entonação, tom de voz); o morfológico (artigos, pronomes, prefixos, sufixos); o lexical (escolha de palavras); o sintático (disposição e combinação das palavras); e o semântico (elementos da língua para criar sentido). Logo, é possível inferir que a avaliação encontra-se no texto e no contexto.

Considerando que “a emoção nasce da avaliação do acontecimento (Le Breton, 2019, p. 149), no percurso de elaboração deste estudo, avaliei minhas experiências e minhas emoções ao relembrar o planejamento, a construção, a apresentação do livro já pronto e seus desdobramentos. Ao passo que, Luana e Luísa avaliaram suas experiências, expressando emoções de contentamento e de satisfação em relação ao trabalho realizado, conforme veremos nos trechos da conversa exploratória. Para o autor já citado, as emoções não são fixas; são, ao mesmo tempo, individuais e coletivas, co-construídas em situações específicas e inseridas em um contexto sócio-histórico-cultural. As emoções se modificam de acordo com os/as participantes de uma interação e com o contexto. Le Breton (2019, p. 149) afirma que as emoções são “a matéria viva do fenômeno social, a base que orienta o estilo das relações nutridas pelos indivíduos, distribuindo os valores e as hierarquias que sustentam a afetividade”. Nessa perspectiva, entendo que as emoções “tecem o fazer pedagógico, bem como são por ele tecidas” (Nóbrega et al., 2022, p. 7537).

Como professora investigando minha própria prática, sinto-me uma pesquisadora *sentipensante*, ou seja, “aquela pessoa que tenta combinar a mente com o coração para guiar a vida para o bom caminho e aguentar seus muitos contratempos”<sup>8</sup> (Fals Borba, 2003, p. 9).

---

<sup>8</sup> No original: “aquella persona que trata de combinar la mente con el corazón, para guiar la vida por el buen sendero y aguantar sus muchos tropiezos” (Fals Borba, 2003, p. 9).

Com essa postura ético-reflexiva, as emoções ganham relevância nos encontros pedagógicos com Luana e Luísa.

## 6. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DA CONVERSA EXPLORATÓRIA

A oportunidade de reflexão durante a conversa exploratória com Luana e Luísa permitiu a criação de um espaço de troca, que possibilitou considerar suas emoções e preferências, bem como buscar entendimentos sobre a coconstrução do livro. As primeiras imagens mostram a capa e a contra capa do livro. Luana e Luísa mencionam a forma como foram elaboradas por elas em dois trechos retirados da conversa exploratória, nos quais observo **cooperação, engajamento, autonomia e envolvimento**.



### Fragmento 1 (trecho 06:10-06:38)

Mara - E a capa?

Luísa - Gente, a capa é um das minhas favoritas porque a gente usou vários tecidos diferentes.

Luana - Eu trouxe de casa um monte de recortes de tecido e aí a gente distribuiu assim. E a gente foi juntando recortes de tecido em cima pra fazer a capa.

Luísa - Foi tudo colorido.

Luana - Traz uma coisa muito legal. Eu com certeza adorei fazer isso.

### Fragmento 2 (trecho 11:38-11:54)

Luísa - Uma coisa que eu não mudaria seria a capa porque a capa me ganha muito. Eu acho essa capa muito colorida, muito divertida.

Luana - E são diversas texturas. Tem tecido que tem texturas diferentes. É uma coisa que traz alegria. Eu acho muito legal. Traz uma personalidade ao livro.

Nestes recortes da conversa exploratória, Luana e Luísa atribuem qualificações positivas com o uso dos adjetivos colorido/a, divertida e legal para se referir à capa e à contracapa, se posicionando como avaliadoras do trabalho que realizaram. Pelas escolhas léxico-gramaticais ao longo dos dois fragmentos, observo emoções positivas de felicidade e entusiasmo. Para Luana, a colagem a partir de retalhos de tecido traz alegria. Sua



avaliação parece mostrar satisfação em relação ao aspecto estético que abrange sua noção de beleza. Opinião corroborada por Luísa, quando diz que não mudaria a capa e se justifica expressando seu contentamento em a capa me ganha muito, valorizando a aparência do livro que visualmente a agrada.

Nos fragmentos acima, entendo que as duas participantes admiram tanto a aparência da capa do livro quanto o processo de elaboração conjunta. Quando Luana verbaliza Eu com certeza adorei fazer isso, confirma pelas escolhas da locução adverbial (com certeza) e do verbo (adorei), emoções de satisfação e felicidade.

Na sequência, duas imagens apresentam uma página do livro que foi comentada durante a gravação da conversa exploratória. Na foto do lado esquerdo, o momento de construção colaborativa em 2021 e do direito, a atividade finalizada.



### Fragmento 3 (trecho 09:26-09:59)

Luana - Tudo bem e aí que a gente falou um pouco sobre a primeira mulher dele.  
Luísa - O primeiro casamento.  
Luana - Que o nome era Elza. *Let it go* ((canta)). Foi em 1944 e eles tiveram cinco crianças.  
Luísa - Joaquim  
Luana - Lutgardes  
Luísa - Maria Madalena  
Luana - Maria Cristina  
Luísa - Maria de Fátima  
Luana - Aí a gente fez um monte de coisinhas, tipo porcentagem de amor, um monte de coisas. Ficou super fofo.  
Luísa - Ficou muito fofinha.

Neste trecho, o nome Elza remete à personagem de um filme, o que levou Luana a cantarolar uma canção no momento que visualizou o nome na página. Luana e Luísa atribuem qualificações positivas ao trabalho, fazendo uso de adjetivos e de intensificadores – super fofo e muito fofinha – que reforçam suas emoções de contentamento com a estética da produção realizada. Quando Luana faz uso do diminutivo em um monte de coisinhas,



entendo como um modo de expressar afeto. A escolha de a gente, que substitui o pronome “nós”, parece indicar **cooperação e envolvimento** na tarefa que realizaram.

A seguir, apresento a imagem da página que Luana elegeu como sua favorita. A foto da esquerda mostra um momento da construção conjunta e a da direita a página já finalizada.



#### Fragmento 4 (trecho 10:00- 11:04)

Luana - E aí depois ele se casou com outra mulher chamada Ana Maria Araújo que era a Nita, que era a filha do diretor, né?

Luísa - E eles não tiveram filhos.

Luana - É. A Nita e o Paulo eles casaram em 1988 e no ano que a gente fez em 2021 a Nita teria 88 anos. Eu não sei se ela tá morta.

Mara - Ela está viva.

Luana - Ela ainda tá viva então ela deve tá com uns...

Mara - 90 anos.

Luana - Ela tem uns 90 anos agora e essa página eu achei muito linda.

Luísa - Eu também.

Luana - A gente fez a decoração. A gente podia ter botado mais informação, mas ficou super fofa essa página.

Mara - Ah então, eu ia fazer essa pergunta: se vocês fizessem o livro hoje, vocês fariam diferente?

Luana - Muitas coisas.

Luísa - Sim, muitas coisas.

Luana - Eu não deixaria de fazer essas coisas, mas eu acrescentaria algumas.

Luísa - Eu mudaria o estilo de letra, da fonte.

Nesta interação, Luana e Luísa leem e comentam a página, avaliando positivamente com adjetivos e intensificadores muito linda e super fofa. Suas avaliações encontram-se no campo da estética, que se relaciona à aparência, e ao impacto que a composição visual provoca nas duas participantes. Ao revisitar a página, Luana parece entender que, no momento que realizaram a tarefa, o foco estava na aparência e no uso de materiais de colagem – A gente fez a decoração. A gente podia ter botado mais informação. Aproveitei a oportunidade gerada pela sua reflexão para perguntar se vocês fizessem o livro hoje, vocês fariam diferente?

Chamou minha atenção o fato de olharem para um trabalho realizado há dois anos e tecerem somente avaliações positivas. Apesar de terem dito que mudariam muitas coisas,

Luana afirma que Eu não deixaria de fazer essas coisas, mas eu acrescentaria algumas enquanto Luísa responde que Eu mudaria o estilo de letra, da fonte. Para mim, isso confirma e reforça a avaliação positiva no campo da estética e o valor que elas atribuem à arte visual. Ao expressarem emoções de contentamento, percebo a **cooperação**, o **engajamento**, a **autonomia** e o **envolvimento** de Luana e da Luísa com a tarefa.

A próxima imagem exhibe a página escolhida por Luísa como sua favorita.



#### Fragmento 5 (trecho 04:21-05:07)

Luísa - Eu amei muito essa página aqui que tá falando de um livro dele.

Luana - Que em português o nome é A sombra dessa maneira, que é o livro dele mesmo, autoral dele e a gente fez uma árvore.

Luísa - Com papel EVA.

Luana - A gente fez uma mangueira, uma árvore de mangas.

Luísa - Que ficou com uma textura.

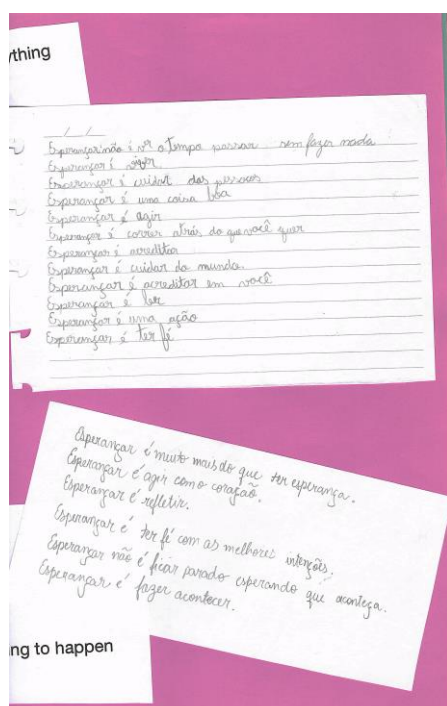
Luana - A gente escreveu também uma frase em inglês ((leitura)) que em português é “meu pai e minha mãe me ensinaram a ler e escrever embaixo das árvores de manga”, das mangueiras, né? Tem muita coisa interessante. É muito legal. A gente recortava, rasgava papel, era muito legal.

De forma explícita, Luísa expressa suas emoções em Eu amei muito essa página aqui que tá falando de um livro dele, o que indica uma avaliação altamente positiva, marcada pela escolha do verbo “amar” e do intensificador “muito”. Os elementos léxico-gramaticais escolhidos (Com papel EVA e Que ficou com uma textura) parecem indicar que sua avaliação encontra-se no campo da estética.

Como é possível notar, acrescido às descobertas que fizeram sobre a biografia de Paulo Freire, Luana e Luísa parecem ter boas lembranças das atividades de desenhar, recortar, colar, rasgar, usando texturas e materiais diversos. Luana avalia o trabalho como interessante e muito legal. Isso realça que as aprendizagens se deram em ambiente

de possibilidades de criação e de uso de suas habilidades para expressar emoções, ideias e pensamentos, o que indica **engajamento, autonomia e envolvimento**.

Em uma das páginas do livro foram colados os poemas escritos por Luana e Luísa primeiro em português e traduzidos para o inglês, conforme explicado no fragmento 6, extraído da conversa exploratória. Isso traz à tona as conexões feitas e o intercâmbio das aprendizagens vivenciadas por elas durante o processo de construção do livro. Além da imagem, digitei o texto escrito por elas em português somente para facilitar a leitura.



Esperançar não é ver o tempo passar sem fazer nada  
Esperançar é viver  
Esperançar é cuidar das pessoas  
Esperançar é uma coisa boa  
Esperançar é agir  
Esperançar é buscar o que você quer  
Esperançar é acreditar  
Esperançar é cuidar do mundo  
Esperançar é acreditar em você  
Esperançar é ler  
Esperançar é uma ação  
Esperançar é ter fé

Luísa

Esperançar é mais do que ter esperança  
Esperançar é agir com o coração  
Esperançar significa refletir  
Esperançar é ter fé com as melhores intenções  
Esperançar não é ficar parado esperando que algo aconteça  
Esperançar é fazer acontecer

Luana

### Fragmento 6 (trecho 12:41-13:04)

Mara - Vocês criaram lá na outra turma...

Luana - Ah sim verdade. Essa atividade a gente fez isso na nossa outra turma fora do bilíngue e...

Luísa - A gente traduziu só que tinha tipo...

Luana - Esperança é a mesma coisa que Paulo Freire, né? vamos dizer assim. E aí a gente trouxe essa atividade para botar no nosso *scrapbook*. Foi muito legal.

Luísa - Porque tinha tudo a ver com o que a gente tava trabalhando.

Mais uma vez, noto que Luana e Luísa são seres sociais únicos, capazes de levar a aprendizagem a sério, tomar decisões independentes e de desenvolver-se como praticantes da aprendizagem, o que é a essência das cinco proposições (Allwright; Hanks, 2009). A ideia de traduzir a poesia partiu delas para incluírem no livro “Porque tinha tudo a ver com o

que a gente tava trabalhando”. Isso mostra **engajamento, autonomia, envolvimento**, e agentividade por parte delas.

Acho extraordinária a associação feita por Luana, com espontaneidade e propriedade, em Esperança é a mesma coisa que Paulo Freire, né?. Sua fala remete ao fato de que a esperança é característica fundante na obra de Freire, um elemento definidor de sua pedagogia, de sua maneira de entender a vida e o mundo, uma “necessidade ontológica” (Freire, 1992, p. 14).

No próximo trecho selecionado, Luana e Luísa mencionam a vontade de refazer o livro, o que considero uma pista de como as emoções se misturam “aos acontecimentos significativos da vida coletiva e pessoal, implicando um sistema de valores posto em prática pelo indivíduo” (Le Breton, 2019, p. 146) que interpreta subjetivamente os fatos.

#### **Fragmento 7 (trecho 11:06-11:37)**

Luana - Mas é muito legal. Eu acho, eu gostaria de ter a experiência de refazer esse livro.

Luísa - Eu também, seria muito divertido.

Luana - Não, não deixar de fazer esse livro, eu amei ter feito esse livro, mas eu adoraria ter a experiência de fazer esse livro de novo, do zero.

Mara - Sério? De novo? Vocês fariam de novo?

Luísa - Sim, do zero.

Luana - Eu não faria igual. Eu faria do jeito que é hoje, foi muito legal essa experiência.

Mara - Como eu faria pra vocês fazerem de novo? Eu entregaria algumas imagens?

Luana - Você faria a mesma coisa, a mesma coisa. Essa página seria sobre isso.

Luísa - Tudo igual, só que a gente faria totalmente diferente, da forma que a gente faria esse ano.

As escolhas léxico-gramaticais realizadas são explícitas com o uso dos adjetivos e intensificadores muito legal e muito divertido. Compreendo a afirmação de que gostariam de refazer o livro de três formas. A primeira remete às emoções que movimentaram as relações de amizade e de parceria entre Luana e Luísa ao longo da tarefa escolar (a gente faria). A segunda está relacionada à ligação afetiva que construíram com o livro, que é o produto do trabalho realizado (eu adoraria ter a experiência de fazer esse livro de novo, do zero.). E a terceira diz respeito à experiência pedagógica que vivenciaram comigo na sala de aula em 2021 (Você faria a mesma coisa, a mesma coisa). Ao avaliarem a experiência, expressam suas opiniões e emoções e, ao mesmo tempo, constroem relações comigo e entre elas.

Este excerto corrobora o que Luísa falou no início da conversa e que escolhi como título do estudo – É um trabalho que eu acho que a gente vai guardar pra

nossa vida inteira que é muito inesquecível (Luísa – trecho 5:14-5:18). As estruturas léxico-gramaticais apontam para a construção de emoções positivas, na qual sobressai a escolha o adjetivo *inesquecível*, indicando o valor emocional do trabalho por elas realizado. Quando insisti perguntando o que havia transformado a experiência em algo inesquecível, Luana complementa a fala da Luísa. Isso veremos no próximo excerto.

### **Fragmento 8 (trecho 05:34-05:42)**

Luana – Eu não sei se foi a imaginação que a gente teve pra juntar as peças pra fazer cada *scrapbook*.

Luísa – É

Luana – Ou se foi as informações o que a gente foi aprendendo.

Ao reelaborar a experiência, Luana menciona a parte lúdica da tarefa pedagógica que demandava criatividade e habilidades artísticas e, também, a parte que envolveu o ensino-aprendizagem de todo o grupo.

Os relatos aqui reunidos apresentam as emoções construídas na interação e ilustram os princípios da Prática Exploratória como proposta de trabalho com a participação e o envolvimento de todos/as em um contexto social e educacional específico.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O centenário de Paulo Freire foi comemorado em nossa turma com curiosidade, alegria, parceria e companheirismo. Desde 2012 Patrono da Educação Brasileira, Freire é reconhecido mundialmente com muitos títulos de universidades e instituições; é famoso por seu livro *Pedagogia do Oprimido*; e é considerado como um dos pensadores mais importantes no campo da Educação. Homenagear seu legado é não permitir o apagamento de nossa história, sendo que suas ideias e ensinamentos levam à formação de sujeitos mais críticos e reflexivos.

Mencionado na introdução, meu objetivo neste estudo foi o de refletir juntamente com Luana e Luísa acerca de questões relacionadas ao livro por elas construído sobre Paulo Freire no ano de 2021. Observando a transcrição da interação gravada, percebi que as dificuldades provocadas pela pandemia do Covid-19 no contexto escolar estiveram presentes em minhas memórias, banhadas de emoções de medo, frustração, tristeza, insegurança, indignação e insatisfação. Para minha surpresa, Luana e Luísa não abordaram, por exemplo, o distanciamento necessário, os protocolos de higienização da sala de aula, o uso de máscaras



etc. Tenho a impressão que escolheram o lado bom da experiência do trabalho conjunto e que isso foi mais importante do que os contratempos que a pandemia trouxe para nossa rotina na escola. Nesse sentido, nossa conversa gravada contribuiu para ampliar entendimentos sobre a relevância do livro construído por elas durante nossas aulas, bem como para conhecer um pouco sobre suas emoções ao rever as etapas da atividade pedagógica. O que mostra o quão marcante foi a experiência compartilhada na sala de aula.

Em relação aos dois objetivos específicos, tanto buscar entender o processo de cocriação à luz da Prática Exploratória quanto observar as avaliações e a construção das emoções formam contemplados ao longo do texto. Como praticante exploratória, não considero este estudo finalizado por visualizar a possibilidade de outras reflexões, tais como, conversas exploratórias com a coordenadora Claudia e a bibliotecária Marcia para que possam compartilhar suas emoções, impressões e avaliações sobre suas participações. Expandindo mais, incluir as crianças, autores/as do outro livro, que como Luana e Luísa, estavam na sala de aula envolvidos/as na construção e produção dos *scrapbooks*. Por entender as práticas pedagógicas e a pesquisa como possibilidades de inclusão, cooperação, engajamento, autonomia e envolvimento, concluo tendo em mente outros desdobramentos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLWRIGHT, D.; HANKS, J. *The developing language learner: an introduction to Exploratory Practice*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2009.

BEZERRA, A.; RIOS, R. La negociación: una relación pedagógica posible. In: DAM, Anke van; MARTINIC, Sergio e PETTER, Gerhard (orgs.) *Cultura y Política en Educación popular: principios, pragmatismo y negociación*. La Haya: Centro para el Estudio de la Educación Popular en países en vías de desarrollo (CESO – paperback: nº 22) – versão em português (mimeo), 1995.

BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. (orgs.). *Pesquisa Participante: partilha do saber*. São Paulo: Ideias e Letras, 2006.

CORTÊS, T. C. R. “*Eu acho que eu só seguro a onda por causa do afeto*”: A Linguística Aplicada e as percepções do sofrimento de um grupo de professores da rede privada de ensino. Rio de Janeiro. 154f. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2017.

COSTA, R. P. *Poder e negociação como relações pedagógicas*. Memória da Pesquisa Confronto de Sistemas de Conhecimento na Educação Popular. Tese (Doutorado). Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2018.



GRIFFO, Mara Regina de Almeida. “É um trabalho que eu acho que a gente vai guardar pra nossa vida inteira que é muito inesquecível”: um livro sobre Paulo Freire. **Pesquisas em Discurso Pedagógico**, n.33, jul. 2024. 96

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens*. Tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FALS BORBA, O. *Ante la crisis del país: ideas-acción para el cambio*. Bogotá: El Áncora Editores; Panamericana Editorial, 2003.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler* – em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 71ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019. 256p.

FREIRE, P. *À sombra desta mangueira*. 13ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021. 256p.

GADOTTI, M. Por que celebrar o centenário de Paulo Freire?. *Jornal da USP*. 17/09/2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/por-que-celebrar-o-centenario-de-paulo-freire/>

GRUPO DE PRÁTICA EXPLORATÓRIA. *Por que trabalhar para entender a vida na sala de aula?*: Histórias do Grupo da Prática Exploratória. Livro digital. Rio de Janeiro: 2020.

HANKS, J. *Exploratory Practice in Language Teaching*. UK: Palgrave/Macmillan, 2017.

JARA, O. Sistematización y procesos educativos/Sistematização e processos educativos. *Revista Novamerica/Nuevamerica*, n. 153, jan-mar., 2017.

LE BRETON, D. *Antropologia das emoções*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. 357p.

MACIEL, B. S. A. *Quando “todo mundo aprende com todo mundo”*: nos encontros, oportunidades de formação mútua. Rio de Janeiro. 260f. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2021.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. *The Language of Evaluation: Appraisal in English*. New York: Palgrave/ Macmillan, 2005.

MILLER, I. K. *Researching teacher consultancy via Exploratory Practice*: a reflexive and socio-interactional approach. Lancaster, Inglaterra. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística Aplicada, Lancaster University, 2001.

MILLER, I. K.; BARRETO, B. C.; NÓBREGA-KUSCHNIR, A. N. A.; SETTE, M. L.; BEZERRA, I. C.; CUNHA, M. I. A.; BRAGA, W. G. Prática Exploratória: questões e desafios. In GIL, G.; ABRAHÃO, M. H. (Org.). *Educação de professores de línguas: os desafios do formador*. Campinas, SP: Editora Pontes, 2008. p. 145-165.

MILLER, I. K. Formação de professores de línguas: da eficiência à reflexão crítica e ética. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Linguística Aplicada na Modernidade Recente*: festschrift para Antonieta Celani.. São Paulo, Parábola, p. 99-121, 2013.

MILLER, I. K.; CUNHA, M. I. A. Exploratory Practice in Continuing Professional Development: Critical and Ethical Issues. In: DIKILITAS, K. (Ed.). *Facilitating In-Service Teacher Training for Professional Development*. p. 61-85. Pennsylvania: IGI Global, 2017.

GRIFFO, Mara Regina de Almeida. “É um trabalho que eu acho que a gente vai guardar pra nossa vida inteira que é muito inesquecível”: um livro sobre Paulo Freire. **Pesquisas em Discurso Pedagógico**, n.33, jul. 2024. 97

MOURA, S. M. L. Parangolelizando entendimentos: agentividade e enquadres em um evento exploratório *Veredas Temáticas*: autoetnografia em estudos da linguagem e áreas interdisciplinares. v. 22, n. 1, p. 90-109, 2018.

NICÁCIO, T. S. “*Eu estou perdida entre o meu sonho, meus ideais e minhas dívidas*”: uma análise discursiva de emoções como micropolíticas de resistência no processo de (trans)formação docente. Rio de Janeiro. 125f. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

NÓBREGA, Adriana N. A. *Narrativas e avaliação no processo de construção do conhecimento pedagógico*: abordagem sociocultural e sociosemiótica. Rio de Janeiro. 244f. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

NÓBREGA, A. A. N.; GRIFFO M. R. A.; ALVES, L. A. A construção narrativa de emoções no ensino-aprendizagem em tempos de pandemia. *Fórum Linguístico*, v. 19, n. 1, p. 7536-7554. 2022.

NUNES, D. F. C. *Experiências de ontem na construção de quem somos hoje*: Prática Exploratória como fundamento sustentável no ensino e na pesquisa. 2017. 161 f. Dissertação (Mestrado). Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

THOMPSON G.; HUNSTON S. Evaluation: An introduction. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (ed.). *Evaluation in Text: Authorial Stance and the Construction of Discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 1-27.

VIAN JR. O Sistema de Avaliatividade e a linguagem da avaliação. In: VIAN JR., O.; SOUZA, A. A.; ALMEIDA, F. S. D. P. (orgs) *A linguagem da avaliação em língua portuguesa*. Estudos sistêmico funcionais com base no sistema da avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 230p.

## A AUTORA

**Mara Regina de Almeida Griffo** é Mestre e Doutora pelo Programa de Pós-Graduação Estudos da Linguagem (PPGEL) da PUC-Rio. Realizou Especialização em Língua Inglesa na PUC-Rio. Graduada em Pedagogia, atua como professora de inglês nos anos iniciais do Ensino Fundamental em um escola da rede privada.

**E-mail:** marargriffo@gmail.com